

TECENDO FIOS DE OURO NUMA TERAPIA OCUPACIONAL HIBRIDIZADA COM A ARTE

Weaving threads of gold in na occupational therapy hybridized with art

Tijendo hilos de oro em uma terapia ocupacional hibridizada con el art

Érica de Nazaré Marçal Elmesany
Ivone Xavier
Pedro Paulo Freire Piani
Wladilene de Sousa Lima
Universidade Federal do Pará

Resumo

O artigo descreve o itinerário do processo criativo de modelagem de um objeto de pesquisa e apresenta uma composição simbólica, inspirada nos elementos da natureza, que resultou numa proposição de tessitura da terapia ocupacional hibridizada com as artes. A metodologia dos elementos é um dispositivo de dilatação da dimensão simbólica do objeto, na qual os pesquisadores são estimulados a dar passagem para uma aventura poética, por meio da representação dos elementos. O elemento terra é a cartografia, o fogo é o cuidado, o ar é a arte, a água é o corpo e o éter é o ato poético. Este canal de inspiração foi um instrumento de visibilidade das poéticas e abertura de um movimento inventivo no exercício do ato teórico e de facilitação de um processo de empoderamento permeado por modos de expressão do discurso científico.

Palavras-chave: Corpo; Arte; Ato poético; Cuidados Paliativos; Cartografia.

Abstract

The article describes the itinerary of the creative process of modeling the research object of a thesis project and presents a symbolic composition, inspired by the elements of nature, that resulted in a proposition of occupational therapy hybridized with the arts. The methodology of the elements is a dilation of the symbolic dimension of the object, in which the researchers are stimulated to give way to a poetic adventure, through the representation of the elements. The earth element is cartography, fire is care, air is art, water is the body and ether is the poetic act. This channel of inspiration was an instrument of visibility of the poetics and opening of an inventive movement in the exercise of the theoretical act and of facilitating a process of empowerment permeated by modes of expression of the scientific discourse.

Keywords: Body; Art; Poetic act; Palliative care; Cartography

Resumen

El artículo se describe el itinerario del proceso creativo de modelado de un objeto de investigación y presenta una composición simbólica, inspirada en los

elementos de la naturaleza, que resultó en una proposición de tesitura de la terapia ocupacional hibridizada con las artes. La metodología de los elementos es un dispositivo de dilatación de la dimensión simbólica del objeto, en la cual los investigadores son estimulados a dar paso a una aventura poética, por medio de la representación de los elementos. El elemento tierra es la cartografía, el fuego es el cuidado, el aire es el arte, el agua es el cuerpo y el éter es el acto poético. Este canal de inspiración fue un instrumento de visibilidad de las poéticas y apertura de un movimiento inventivo en el ejercicio del acto teórico y de facilitación de un proceso de empoderamiento impregnado por modos de expresión del discurso científico.

Palabras clave: Cuerpo; arte; Acto poético; Cuidados Paliativos; Cartografía

INTRODUÇÃO

A metodologia dos elementos é um dispositivo poético colaborativo no processo de dilatação do objeto de pesquisa, praticado na disciplina Movimento criador do ato teórico do Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal do Pará (UFPA), que representa um novo canal didático de inspiração, imbricado com a estética, baseado numa composição simbólica e conceitual, relacionada aos cinco elementos da natureza (terra, água, ar, fogo, éter).

Nesta proposta didática, a sala de aula é admitida como um espaço de reflexão acerca da potência criativa no ato de (re) significar, de discussão sobre o objeto nas pesquisas pós-estruturalistas no campo das artes e a imbricação da ética com a estética nesse processo. Também representa um lugar de invenção e experimentação do movimento criador, por meio da metodologia dos elementos, na qual os pesquisadores são estimulados a dar passagem para uma aventura simbólica, por meio da representação dos elementos terra, água, ar, fogo e éter do seu objeto de pesquisa.

A produção deste ato teórico ocorre, concomitantemente, à tessitura de um Manto de cor vermelha para simbolizar o elemento fogo. Nele foi costurado flores (elemento água), sementes (elemento ar) e pérolas (elemento éter) com linhas douradas (elemento terra). A palavra manto em latim é *Pallium*, capa ou manto de lã que cobre os ombros, usado pelos antigos gregos e romanos. Lembra a figura da ovelha sendo acolhida por seu pastor em seus ombros. O termo Paliativo em latim *Palliare* significa “cobrir com manto” e metaforicamente refere-se a acolher, acalmar, amparar, abrigar, abrandar, numa alusão à essência dos cuidados paliativos, que se constitui o campo de atuação da pesquisa.

O CONTORNO POÉTICO DO OBJETO DE PESQUISA

O itinerário que compõe o corpo expressivo desta criação, perpassa pelo mergulho em memórias e afetos da minha história profissional e pessoal. Parto do princípio de que uma tese é um fenômeno estético, uma obra de arte em autocriação, uma experimentação criativa singular, que parte do caos para a criação de um novo; uma

criação, atravessada por encontros e afetos, que pedem renúncia e disposição para sua composição.

Este movimento inicial de tessitura é representado por um fortalecimento da sustentação e um estado de presença, onde criador e criatura se confundem, deixam-se transformar e se enlaçam num processo de implicação, enraizado numa experiência artesanal de sutilezas e ressonâncias.

O objeto de estudo é este tecido em construção, ainda visto pelo avesso, no qual só é possível perceber um emaranhado de fios de ouro que se encontram, semelhante a um território híbrido, atravessado por intercessões entre os fios da arte, do corpo, da poesia e dos cuidados paliativos, todos eles transversalizados pelo fio de ouro da cartografia, que recebe o título de: *Corpos-em-arte: encontros poéticos em cuidados paliativos*. Esta pesquisa pretende cartografar afetos e potências pulsantes nos encontros-entre-corpos em cuidados paliativos e uma cartógrafa.

O Fio-Terra

O elemento terra da pesquisa é a *Cartografia*. Em sua simbologia, a terra sustenta, nutre e acolhe. Neste estudo, cartografar é um caminho metodológico de estranhamento e acolhimento do inusitado, um mapeamento da realidade, configurado nas estranhezas do cotidiano. No manto a cartografia é representada pelas linhas douradas, que pode ser associado ao papel da cartografia de costurar, desmanchar e refazer o itinerário de investigação a partir de um processo criativo.

A cartografia representa uma proposta de conhecimento e reencontro com o saber através do envolvimento com a arte e a criação. É uma forma de conhecer aberta ao plano dos afetos que possibilita um estranhamento do cotidiano para criação de novas realidades.

A cartografia representa uma valiosa ferramenta de investigação pautada na perspectiva da complexidade da realidade e fundamenta nas ideias de Deleuze e Guatarri. É uma metodologia utilizada em pesquisas de campo voltadas para o estudo da subjetividade, uma proposta de produção de conhecimento e de reencontro com o saber, através do envolvimento com a arte e a criação, que considera as sensações e afetos vividos no encontro do pesquisador/ cartógrafo com o seu campo (Romagnoli, 2009).

Especificamente, esta pesquisa trata da produção de mapas dos encontros vividos nas experiências poéticas com sujeitos em cuidados paliativos, que não representa o mapa de um plano estático da realidade, mas o acompanhamento de processos.

Para Barros e Kastrup (2010) a cartografia da subjetividade é entendida como processualidade, envolve o acompanhamento do processo e não a representação estática de um objeto. Ou seja, o caminho é construído por passos que se sucedem sem se separar,

no qual a produção, a análise e a discussão dos dados se constituem num movimento contínuo simultaneamente com o momento da escrita.

As pistas mais ou menos definidas servem como referência no processo de investigação, mas são influenciadas pelos acontecimentos, pessoas, instituições, próprios de um cotidiano vivo e pulsante. O mapeamento começa desde o primeiro contato com o território e percorre toda a pesquisa de campo, resultando num recorte provisório vivo, sujeito a redesenho de sua aparência e essência (Martines & Machado, 2013).

O Fio-Fogo

O elemento fogo da pesquisa é o *Cuidado*. O fogo é um símbolo purificador, regenerador e transformador, ligado à capacidade de iluminar, envolve motivação e coragem. Os encontros com os pacientes em cuidados paliativos serão realizados em seu domicílio e será o elemento motivador do estudo, gerado na relação e da experiência do cuidado. É representado pelo próprio manto, tecido de cor vermelha, que protege, acolhe, acalma e cuida.

O cuidado paliativo é uma filosofia que considera as várias dimensões do cuidado ao ser humano e implicam em auxiliar as pessoas a lidar com os aspectos existenciais, psicológicos e emocionais do viver e do morrer da melhor forma possível, através do desenvolvimento de formas criativas de aliviar o sofrimento e promover qualidade de vida (McCoughlan, 2009; Melo, 2009).

Com este novo paradigma, o cuidado passa a fazer parte da essência humana e o foco das ações de saúde está no sujeito, ativo no seu processo de adoecer e no seu contexto, e não na doença. As necessidades de autonomia da pessoa, ou seja, a comunicação da verdade sobre sua condição de saúde e o alívio de sua dor total passou a ter prioridade, em detrimento ao controle dos sintomas (Pessini, 2009).

Em consonância com a perspectiva da Organização Mundial de Saúde – OMS, os cuidados paliativos apresentam as seguintes características: afirmar a vida e respeitar a morte como um processo normal, aliviar a dor e outros sintomas angustiantes; na assistência ao paciente, considerar os aspectos psicológicos e espirituais e oferecer um sistema de apoio, incluindo o suporte emocional, para ajudar os pacientes a viver tão ativamente quanto possível do momento do diagnóstico até à morte e para auxiliar a família a lidar na sua própria dor e durante a doença do paciente (Brasil, 2002).

Nestas perspectivas, a proposta deste estudo está pautada na invenção de tempos e espaços de encontros e criação, onde as atividades artísticas conduzirão a constituição de territórios existenciais de sujeitos em cuidados paliativos domiciliares. Essa proposta cartográfica adotará a arte como linguagem para se fazer a travessia de afetos em

cuidados paliativos. Corpo novo, atravessado por vozes, gestos e toques novos. Novos encontros e novos afetos.

Nos encontros-arte, sujeitos e pesquisador irão propor e vivenciar experimentações poéticas próprias do cotidiano de cada um, durante o período de 1 ano. A arte de tecer o presente envolverá um bloco intenso de sensações, imerso num exercício de liberdade, em que ações cotidianas de escrever, tocar, cantar, fotografar, cozinhar, costurar, pintar, conversar e visitar, tornar-se-ão “obras de arte”.

Entrar no domicílio, conversar com as pessoas, observar, deixar-me impregnar pelos acontecimentos visíveis e invisíveis. Criar aproximações e estratégias de experimentações. Colocar-me à espreita de oportunidades para exercitar a arte. Inventar novos dispositivos e práticas. Conversar, contar e ouvir histórias, fazer o antigo e o novo. Buscar pontos favoráveis para reinventar o corpo engessado em um movimento criativo. Este será um breve roteiro de preocupações.

O Fio-Ar

Nesta pesquisa o elemento ar é representado pela *Arte*. O ar é símbolo de liberdade e expansão, comunicação e criação, relacionado ao potencial de criar e atribuir significados. No manto, está representada pelas sementes, considerando suas múltiplas potencialidades em fazer travessias de afetos. A arte é ar, é vida, é um estado do corpo que rompe a rigidez e o torna corpo em criação.

O fio da arte atravessa toda a trama da pesquisa e confere fluidez a este processo da arte da artesanaria do conhecimento. Na terapia ocupacional e na formação em arteterapia dediquei-me a pesquisar a temática da Arte no contexto da saúde, diante do sofrimento e da proximidade da morte, durante o Mestrado em Psicologia Clínica e Social, da Universidade Federal do Pará (UFPA), em 2008, com a pesquisa intitulada “Contribuições da Arteterapia no cuidado de mulheres em tratamento do câncer de mama” (Simões, 2008).

As mulheres significaram a arte como um estímulo para o diálogo com a sua criação e potencialidades. Ao transformarem os materiais, ousavam ensaiar a renovação da própria vida e o enfrentamento das adversidades. As imagens criativas passaram a conter símbolos de vitalidade, toques de esperança e pareciam representar a busca incessante pela saúde. O fazer criativo foi significado como um meio de obter saúde e de encontrar um sentido para viver.

A arte também atravessou minha prática clínica durante as intervenções no Hospital Ofir Loyola (HOL). Intervenções muito significativas ocorreram na Clínica de Cuidados Paliativos, especificamente no atendimento domiciliar.

Os atendimentos de Terapia Ocupacional constituíram-se espaços de acolhimento, escuta e criatividade. A arte, quando utilizada como um recurso terapêutico, despertou encantamento e vivacidade diante das dores, medos e perdas vividos pelo paciente e pela família.

O câncer significou muito mais que perdas e possibilidade de morte: representou um caminho de novas possibilidades e aprendizagens. O corpo engessado e empobrecido pela doença se tornava livre para criar.

Na perspectiva deste projeto, a arte é proposta como um espaço de enfrentamento e transformação da realidade, uma estratégia viva de reinvenção da corporeidade, na produção e enriquecimento de modos próprios de viver e cuidar da saúde (Lima, 2011; Deleuze & Guatarri, 2010).

Do mesmo modo, ao considerar os cuidados na proximidade da morte a arte representa um campo privilegiado de enfrentamento do trágico, em que ocorre um modo artista de subjetivação, entre o artista e a obra, para a construção da vida como obra de arte¹⁰.

Ou seja, a arte dá corpo e vida aos atravessamentos do vivido, de modo a recriar o sentido do sofrimento, possibilitando um mergulho na significação dos gestos e ações da vida, como um veículo de conhecimento e criação de um modelo da realidade (Deleuze & Guatarri, 2010).

Neste contexto, Rolnik (1996) considera a existência de um “estado de arte”, proveniente do encontro híbrido da arte com a subjetividade humana, no qual o artista confere um estilo para as paisagens afetivas do vivido e vivencia uma experiência de transformação tanto do material quanto de si mesmo.

Desta forma, desenvolve-se um estado de criação permanente, onde a arte torna-se uma forma de partilha e alargamento do sensível, que possibilita ao sujeito formas de fazer e estar no mundo, de lidar com as limitações e de reformular a existência, com novas formas de viver.

Fio-Água

O elemento água da pesquisa é o *Corpo*. A água é símbolo de expansão, fluidez, frescor e relaxamento. Associada ao corpo refere-se à capacidade de gerir o novo, morrer e nascer, à transformar, à purificar e a dar passagem.

Na expressão simbólica do manto o fio-água está representado pela flores, em alusão à rosa do deserto, que são habituadas ao clima do deserto, conseguem subsistir, suportar fortes ventos e acumular água. De forma semelhante, o corpo apresenta esta capacidade de resiliência, pois é dotado de fragilidade e de potência e é capaz de transfigurar-se diante da dor e das tribulações.

Na contemporaneidade, a velocidade e os automatismos da vida cotidiana têm desfavorecido o olhar do indivíduo para si mesmo e para a escuta do próprio corpo, tem cultivado a superficialidade das relações, o distanciamento das experiências afetivas/emocionais e a marcação e assujeitamento dos corpos a constantes e simultâneas transformações (Siegmann, 2011).

Os corpos apresentam-se domesticados por um fazer monótono e aprisionado por gestos sem sentidos, privados de criação. Essa forma de produzir subjetividade tem repercutido diretamente na maneira de cuidar da saúde, de combater e enfrentar o adoecer contemporâneo e de lidar com o sofrimento (Galvanese, 2014; Pelbart, 2002).

Pautado nessa perspectiva, este estudo parte do pressuposto de que o corpo é um instrumento que mergulha a arte no universo interior, subjetivo e perceptivo do homem. A arte vibra num corpo, que não é somente um corpo, mas um corpo-em-vida, um corpo-memória. É um corpo revelador da arte de quem nós somos e sentimos, no qual a vida esquecida é esculpida, potencializada na memória e materializada em novos sentidos (Ferracini, 2014).

No encontro-entre-corpos em espaços de arte, os corpos afetam e são afetados por outros corpos e se compõe um todo repleto de potência e de força para agir, pensar e sentir. Almeida (2011) discute a interligação do corpo com a criação e adota os conceitos *corpo-arte* e *o corpo-artesanal*. O primeiro representa a possibilidade de organizar novos corpos, um corpo territorializado que guarda potência para uma nova passagem e formar uma obra e o segundo consiste na capacidade de modelar, criar e produzir um corpo, produto de um processo de insistência, pela repetição do fazer cotidiano.

O conceito *Corpo-em-arte*, criado por Ferracini (2014), também é adotado neste estudo por considerar que o corpo em estado de arte resiste e volta a vislumbrar um si mesmo, uma nova possibilidade de existência, cria uma fenda de luz e adota uma postura positiva de vida.

Para Ferracini (2014) este corpo-em-criação é (re) construído a partir do corpo cotidiano, que transborda sua história de vida, memórias corporificadas em ressignificações, numa recriação de novos mundos e afetos, em novas formas de sentir.

Ao considerar a realidade de sujeitos em cuidados paliativos, o corpo-em-arte também envolve a questão da beleza, que se torna uma forma do sujeito responder à morte. A arte torna-se uma experiência de delicadeza, em que o corpo se torna “guardiões da vitalidade da criação” (Lima et al., 2011), uma base de sustentação para a invenção de novos mundos possíveis.

O Fio-Éter

O elemento éter da minha pesquisa é o *Ato Poético*, caracterizado por ser o elemento unitivo, envolvendo toda a cartografia do corpo-em-arte que vivencia a experiência dos cuidados paliativos. No manto, o ato poético é representado por uma pérola, que faz alusão à pérola nascida após a invasão de organismos na ostra.

Na composição deste objeto de estudo é significada pelo conceito de poiéses, ou seja, atividade de criar ou de fazer, que envolve a beleza presente nos acontecimentos cotidianos, nos objetos, nos lugares e nas coisas; representa a poesia escondida nos encontros e nas relações, que confere um novo sentido ao vivido.

O fazer ligado a arte enriquece a existência e favorece a inventividade da poética na vida cotidiana. O produto da criação artística, que se revela em um acontecer poético, revela a vida do autor da obra e o seu estilo de ser e funciona como potencializador de uma nova realidade, exercitando, no próprio viver, uma experiência de criar e re-criar. Os artistas são “atletas afetivos” de compartilhamento das experiências poéticas, como novas formas de potência de vida (Deleuze & Guatarri, 2010).

Assim, vida e criação se constitui num dispositivo de invenção artística e vital. O ateliê se constitui um campo de experimentação de diferentes linguagens artísticas, um espaço de acontecimentos poéticos e de produção de si e do mundo e de acionamento de novos projetos de vida (Rolnik, 1996).

Neste estudo, a poética também está hibridizada com a clínica, num espaço de produção de subjetividade e promoção de saúde, implicada na construção de uma existência criativa, que considera as singularidades do sujeito e dá visibilidade à poética do cotidiano (Rolnik, 1996).

O ato poético será combustível da troca e da experimentação de territórios desconhecidos e do contato com a rede de materialidades e afetos desta cartografia; relações serão intensificadas e modos de funcionamentos desconstruídos, tornando possível o cuidado artesanal, acolhedor e delicado, marcado pela experiência estética, no qual a recriação de novas potências de vida e a constituição de corpos, paisagens e lugares pra se viver na proximidade da morte será uma estratégia real.

TECITURA DA TERAPIA OCUPACIONAL HIBRIDIZADA COM A ARTE

Ao hibridizar a arte e terapia ocupacional, entende-se que a criação de espaços poéticos de arte, com potencial de abertura à sensibilidade, à percepção e à imaginação, estimula a afetação de um corpo nos encontros com outros corpos e, a partir dessa aproximação, cria novos corpos e novas formas de viver, revitalizando um estado permanente de arte.

No encontro-entre-corpos se compõe um todo mais potente, repleto de alegria e de potência, onde existe corpos que afetam e são afetados por outros corpos. Para Deleuze e Espinoza (2002), os encontros que compõe aumenta a nossa potência e os encontros que decompõe diminuem a força de agir, pensar e sentir.

Almeida (2011), ao discutir uma ontologia do corpo, define conceitos que interligam o corpo com a criação: *o corpo-arte* representa a possibilidade de organizar novos corpos, um corpo territorializado que guarda potência para uma nova passagem e formar uma obra; *o corpo-artesanal* consiste na capacidade de modelar, criar e produzir um corpo, produto de um processo de insistência, pela repetição do fazer cotidiano; e *o corpo-sonhador* que se refere ao corpo feito, corpo-potência que ativa a existência ganha sentido no momento do fazer.

Assim, na interface arte e corpo, vida e criação se constitui um dispositivo de invenção artística e vital. O ateliê se constitui um campo de experimentação de diferentes linguagens artísticas, um dispositivo de acionamento de novos lugares sociais e de projetos de vida e saúde, um espaço de acontecimentos poéticos e de produção de si e do mundo (Lima et al., 2009).

As atividades corporais e artísticas proporcionam uma experiência de transformação: dos materiais, da natureza, do si mesmo, do cotidiano, das relações interpessoais, do mundo e da cultura em que se vive. Através delas, desenvolve-se a possibilidade de instauração de um estado de criação permanente, da criação de novos modos de ser, dentro de uma processualidade própria, onde o fundamental é a comunicação e o diálogo com novas formas e configurações (Costa et al., 2000, p. 46).

A experimentação de um estado de arte nos espaços de criação em Terapia Ocupacional envolve uma forte conexão entre a experiência de criar, a produção da saúde e a potencialização da vida (Galvanese, 2014).

Este modo de pensar a Terapia Ocupacional aproxima-se da concepção de saúde, entendida como a capacidade de manter viva a dança dos afetos, que compõe os corpos, por meio de diferentes coreografias (Siegmann, 2011).

Para Deleuze e Guatarri (2010) os artistas são “atletas afetivos”, que adotam uma saúde que não se restringem ao aspecto saudável do musculo. Sua saúde é frágil porque viram algo grande demais na vida e através desse algo tem fôlego para viver as doenças do vivido. São atletas da partilha do sensível e sua saúde relaciona-se ao compartilhamento das experiências poéticas, como novas formas de potência de vida.

Na interface arte e terapia ocupacional, saúde também significa vida criativa e presença no mundo. Assim, a concepção contemporânea de saúde como produção de vida pode se traduzir em propostas de cuidado que envolve a arte, numa experiência estética que estimula modos de existir criativos e a procura de novos sentidos de vida.

Deste modo, na perspectiva da terapia ocupacional, a arte é fundamental nos processos de produção da saúde, atuando como catalizadores de um novo potencial de vida, concebendo que ser saudável representa “ser capaz de modificar as normas antigas que já perderam suas capacidades ou potencialidades de produzir a vida” (Siegmann, 2011, p. 38).

Neste sentido, a arte indica um caminho para a vida, mesmo que seja um caminho de resistência entre as pedras. “Criar não é comunicar, é resistir. É a potência de uma vida orgânica, que pode existir numa linha de desenho, de escrita ou de música” (Deleuze, 2013, p. 183).

As atividades artísticas são veículos expressivos que oportunizam a manifestação de conteúdos do vivido, auxiliando no potencial criativo de cada indivíduo; oferecem múltiplas experiências para os indivíduos, podendo reconfigurar elementos e suas realidades, por meio da imaginação e criatividade.

O sentido das atividades é ampliar o viver e torná-lo mais intenso, nunca diminuí-lo ou esvaziá-lo. Elas nos enriquecem em níveis de consciência sempre mais integrado, tornando nossa compreensão mais abrangente, intensificando, assim, o sentimento da vida (Deleuze, 2013, p.55).

Deste modo, as atividades artísticas é um valioso recurso no campo terapêutico, pois a sua linguagem concede fluidez aos sentimentos, abre rotas criativas para a criação de significados e dá formas, imagens e cores às emoções tumultuosas. “A arte é a linguagem das sensações, que faz entrar nas palavras, nas cores, nos sons ou nas pedras” (Castro & Silva, 2002, p. 208).

Ou seja, no campo terapêutico, as artes potencializam aspectos da vida orgânica, psíquica e sociocultural do sujeito, num caminho de construção poética singular. Com refere Castro e Silva (2002, p. 8) as obras artísticas “enriquecem a experiência do sujeito porque favorecem o crescimento pessoal, possibilitam uma maior liberdade no viver, podendo alcançar um valor social”.

As atividades artísticas auxiliam na recomposição de universos de subjetivação e de resingularização das atividades das pessoas, constituem-se de linguagens que permitem o compartilhar de experiências, o entendimento de concepções de mundos; e, com isso, auxiliam na compreensão de padrões de vivências que

precisam ser completadas e integradas plenamente na experiência de vida dos sujeitos (Castro & Silva, 2002, p. 5).

Segundo Lima et al. (2011) na terapia ocupacional, a criação também envolve a questão da beleza, que se torna uma forma do sujeito responder à morte. A arte é uma experiência de delicadeza, em que os terapeutas se tornam “guardiões da vitalidade da criação”, tecendo sustentação para a invenção de novos mundos possíveis.

Siegmann (2011) aponta para um modo de pensar a Terapia Ocupacional com um território de ação aberto ao novo, e um olhar sensível às diferenças e aos afetos, que afirma a criatividade como parte constitutiva do seu fazer profissional, numa poética que integra o potencial inventivo e a própria vida.

A clínica da Terapia Ocupacional pode constituir-se como um espaço de experimentação, no qual é possível desmaterializar e desfigurar o feito para criar novas formas. Um lugar em que o terapeuta busca, pelo plano dos afectos, criar meios heterogêneos e dissonantes onde possa ampliar os potenciais constitutivos do próprio sujeito ou das qualidades intrínsecas do material que será trabalhado (Siegmann, 2011, p. 118).

Nesse percurso de aproximação entre os campos da arte e da terapia ocupacional podemos experimentar práticas que educam os sentidos, criam novos conceitos e estimulam o prazer estético.

O fazer artístico em terapia ocupacional tem uma essência alquímica-existencial que transforma e agencia novos modos de ser/existir, que valoriza a coletividade, a autopoiese e a beleza do fazer das pessoas, com um olhar para a vida que acontece durante a criação.

Imergir nos territórios da arte, pelo viés da terapia ocupacional nos conduz a um confronto com um campo de conhecimento, um universo fascinante constituído de materialidade, espiritualidade, criação, referências, dificuldades, um caminho de busca. Este movimento de busca proporciona um fazer que pressupõe sensibilidade, observação, improvisação, expressão e composição, através do desenvolvimento das linguagens artísticas (Castro & Silva, 2002, p. 2).

Em consonância ao modo singular de Siegmann (2011) entender a Terapia Ocupacional como uma clínica dos afectos, a Terapia Ocupacional hibridizada com as artes representa um encontro entre a clínica e a poética, entre a vida e arte, num espaço de

produção de subjetividade e promoção de saúde, implicada na construção de uma existência criativa, que considera as singularidades do sujeito e dá visibilidade à poética do cotidiano.

PERSPECTIVAS E DEVIRES...

A metodologia dos elementos favoreceu a abertura de um movimento inventivo no exercício do ato teórico resultante numa tessitura sobre a Terapia Ocupacional hibridizada com a arte. Essa experiência foi um instrumento de visibilidade das poéticas durante as transmutações constantes do objeto de pesquisa e facilitou um processo de empoderamento e reflexão permeada por saltos poéticos e novos modos de expressão do discurso científico.

Deste modo, tecer este fio de ouro ativou meu corpo de cartógrafa-pesquisadora, a ser um território de afetos e reflexões teóricas, que, num movimento vivo e pulsante, sente o desejo ampliado pela criação de uma tese sobre corpos-em-arte em cuidados paliativos, representada por encontro poéticos que aproxima vida, saúde e invenção e perpassa por um território de criação e experimentação, de produção de sentidos e expressão do vivido, onde a produção ampliada de saúde e a produção de subjetividade se firma pelo paradigma estético.

Considerando a necessidade de um cuidado sensível na proximidade da morte, pautado na construção de processos de saúde, na potencialização dos investimentos na vida e na criação de possibilidades fazer, ser e tornar-se na finitude, faz sentido: conectar, abrir repertórios, trocar olhares, experimentar, materializar, afetar, tocar, comunicar, criar, alargar fronteiras. Esses são os devires desta proposta de uma clínica de cuidados, marcada por sutilezas e experiências estéticas acolhedoras, que espera o tempo certo para ser cartografada.

REFERÊNCIAS

- Almeida, M. V. M. (2011). *A selvagem dança do corpo*. Curitiba, PR: CRV.
- Barros, L.P. & Kastrup, V. (2010). Cartografar é acompanhar processos. In Passos, E. & Kastrup, V. & Escossia L. *Pistas do método cartográfico: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* (pp. 52-57). Porto Alegre: Editora Sulina.
- Brasil. Organização Mundial de Saúde (OMS) (2002). *Cuidados Paliativos*. http://www1.inca.gov.br/conteudo_view.asp?ID=474. Acesso em: 01.11.15. 2002.
- Castro, E. D., & Silva, D. M (2002). Habitando os campos da arte e da terapia ocupacional: percursos teóricos e reflexões. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo.*, 13(1), 1-8.

- Costa, et al. (2000). O programa permanente composições artísticas e terapia ocupacional (PACTO): uma proposta de atenção na interface arte-saúde. *Revista de terapia ocupacional.*, 11(2/3), 45-55.
- Deleuze, G. & Guatarri, F. (2010). *O que é filosofia?* (3ed). São Paulo: Editora 34.
- Deleuze, G. (2013). *Conversações* (3ed.). São Paulo: Editora 34.
- Deleuze, G. (2002). *Espinoza: filosofia prática*. São Paulo: Escuta.
- Ferracini, R., Lima, E. M. F. A., Carvalho, C. S. R., Liberman, F. & Carvalho, Y. M. (2014). Uma experiência de cartografia territorial do corpo-em-arte. *Urdimento.*, 1(2), 219-232.
- Galvanese, A. T. C et al. (2014). A produção de acesso da população idosa ao território da cultura: uma experiência de Terapia Ocupacional num museu de arte. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar.*, 22 (1), 129-135.
- Lima, E. M. F. A. et al. (2009). PACTO adolescentes: arte e corpo na invenção de dispositivos em terapia ocupacional para produção de vida e saúde na adolescência. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo.*, 20(3), 157-163.
- Lima, E. M. F. A. et al. (2011). Pacto: 10 anos de ações na interface arte e saúde e suas ressonâncias no campo profissional. *Cad. Ter. Ocup. UFSCAR.*, 19 (3), 369-380.
- Martines, W. R. V., Machado, A. L. & Colvero, L. A. (2013). A cartografia como inovação metodológica na pesquisa em saúde. *Tempus Actas de Saúde Coletiva.*, 7(2), 203-211.
- Mccoughlan, M. (2009) A necessidade de cuidados paliativos. In Pessini, L.& Bertachini, L. (Orgs.). *Humanização e Cuidados Paliativos*. (4ª. ed.). São Paulo: Editora Loyola,.
- Melo, A. G. C. (2009). Os cuidados paliativos no Brasil. In Pessini, L. & Bertachini, L. (Orgs.). *Humanização e Cuidados Paliativos*. 4ª. ed. São Paulo: Editora Loyola,.
- Pelbart, P. (2002). Poder sobre a vida, potência de vida. In *Lugar comum: estudos de mídia, cultura e democracia*. 17, 33-43.
- Pessini, L. (2009). A filosofia dos cuidados paliativos: uma resposta diante da obstinação terapêutica. In Pessini, L & Bertachini, L. (Orgs.). *Humanização e Cuidados Paliativos*. (4ª. ed.). São Paulo: Editora Loyola.
- Rolnik, S. (1996). Lygia Clark e o híbrido arte/clínica. *Percurso: revista de psicanálise*. 8 (16), 43-48.
- Romagnoli, R.C. (2009). A cartografia e a relação pesquisa e vida. *Psicologia e sociedade*. 21(2), 166-173.
- Siegmann, C. (2011). *Pensar e inventar-se: terapia ocupacional como clinica dos afectos*. Curitiba: CRV.
- Silva, L. F. R. et al. (2014). Oficinas de música e corpo como dispositivo na formação do profissional de saúde. *Trab. educ. saúde*. 12 (1), 189-203.

Simões, E. N. M. E. (2008). *Contribuições da arteterapia no cuidado com mulheres em tratamento do câncer de mama*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade Federal do Pará: Belém.

Nota sobre as autoras:

Érica de Nazaré Marçal Elmescany: Universidade Federal do Pará (UFPA). Pós-Graduação em Psicologia. E-mail: ericaexd@gmail.com.

Pedro Paulo Freire Piani: Universidade Federal do Pará (UFPA). Pós-Graduação em Psicologia. E-mail: pedropiani@yahoo.com.br.

Wladilene de Sousa Lima: Universidade Federal do Pará (UFPA). Pós-Graduação em Artes. E-mail: gordawlad@yahoo.com.br.

Ivone Xavier: Universidade Federal do Pará (UFPA). Pós-Graduação em Artes. E-mail: ivmaxavier@gmail.com.

Recebido: 03/02/2018.

Aprovado: 13/06/2018.